

## FILÓLOGOS BRASILEIROS

*José Pereira da Silva (UERJ)*

**PENHA, João Alves Pereira. *Filólogos brasileiros*. Franca: Ribeirão, 2002, 175 p.**

O Prof. João Penha, Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Filologia, tem se dedicado ao ensino da Ecdótica e da Língua Portuguesa, com aplicação especial ao português arcaico e à Dialetoologia Portuguesa.

Lançado no primeiro dia do VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, no dia do aniversário da Academia Brasileira de Filologia, seu livro se destaca pela síntese com que trata a matéria, dedicando uma média de sete páginas para cada um dos seguintes autores: [Manuel] Pacheco [da Silva] Júnior (1842-1899), p. 17 a 22; [José Júlio da] Silva Ramos (1853-1930), p. 23 a 28; João [Batista] Ribeiro [de Andrade Fernandes] (1860-1934), p. 29 a 34; [Manuel] Said Ali [Ida] (1861-1953), p. 35 a 42; Otoniel [de Campos] Mota (1878-1951), p. 43 a 48; Mário [Castelo Branco] Barreto (1879-1931), p. 49 a 54; José [Rodrigues Leite e] Oiticica (1882-1957), p. 55 a 59; [Álvaro Ferdinando de] Sousa da Silveira (1883-1967), p. 61 a 66; Antenor [de Veras] Nascentes (1886-1972), p. 67 a 72; [Padre] Augusto Magne (1887-1966), p. 73-78; [Francisco da] Silveira Bueno (1898-1989), p. 79 a 84; Clóvis [do Rego] Monteiro (1898-1961), p. 85 a 90; Ismael [de Lima] Coutinho (1900-1965), p. 91 a 100; Cândido Jucá (filho) (1900-1982), p. 101 a 108; [Rosário Farâni] Mansur Guérios (1907-1987), p. 109 a 114; Aires da Mata Machado Filho (1909-1985), p. 115 a 120; Sílvio [Edmundo] Elia (1913-1998), p. 121 a 127; Antônio Houaiss (1915-1999), p. 129 a 134; [Carlos Henrique da] Rocha Lima (1915-1991), p. 135 a 140; Celso [Ferreira da] Cunha (1917-1989), p. 141 a 148; Serafim [Pereira] da Silva Neto (1917-1960), p. 149 a 155; Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), p. 157 a 164; e Antônio Geraldo da Cunha (1924-1999), p. 165 a 170..

Os artigos biográficos têm mais ou menos a mesma estrutura, começando com a apresentação de uma fotografia do biografado em “preto e branco”, seguida do seu “nome de guerra” e anos de nasci-

mento e morte. O nome completo aparece no primeiro parágrafo, em negrito, e são dedicadas pouquíssimas linhas a informações não acadêmicas.

Como grande parte desses filólogos produziu uma obra muito extensa, a seleção destacada para comentários levou em conta o espaço que o autor devia utilizar para biografar cada filólogo, com uma pequena margem de tolerância.

Destaca João Penha (p. 11 e 12) que

Já se tentou estabelecer um paralelo entre o estudo da Filologia no Brasil e os estudos filológicos em Portugal. E sempre que se fala desse assunto, aparece a galeria dos grandes autores de Portugal.

Não faltam, entretanto, vultos de primeira grandeza nos estudos da Filologia em nosso país.

.....

Convidado pelo Governo Português para reger uma cátedra na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto (1917-1960) acabou escrevendo seu *Manual de Filologia Portuguesa* (1952), onde analisou a produção desses estudiosos portugueses.

Para evitar a hipótese de valoração dos biografados pela ordem de sua apresentação, o autor optou por apresentá-los pela ordem de nascimento, excluindo-se da lista qualquer autor vivo, por maior que seja a sua contribuição aos estudos filológicos.

Apesar de não ser esse o objetivo do livro, o autor define o objeto da Filologia, citando José Leite de Vasconcelos (p. 13):

Filologia Portuguesa é o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua.<sup>31</sup>

E, comentando a definição do ilustre filólogo português, acrescenta (p. 14):

Esse sentido amplo de Filologia Portuguesa permanece com alguns seguidores em nossos dias. Entretanto, essa amplitude pode ter contribuído para o desprestígio do termo *filologia* na segunda metade do século findo. Mas é preciso reconhecer que, antes mesmo de raiar o novo século, o termo em declínio já havia entrado em reabilitação.

---

<sup>31</sup> VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926, p. 9.

.....

O certo é que o campo da Filologia está hoje bem definido. Filologia restringiu-se à Crítica Textual. Isso talvez justifique a recuperação do seu prestígio. O filólogo atual concentra-se no seu texto, explica-o e o restitui à sua forma genuína, preparando o texto tecnicamente para publicação. É a operação da Ecdótica, disciplina que veio modernizar o trabalho do crítico de textos, deixando mais claros os contornos da tarefa filológica.

Para explicar a inclusão dos autores selecionados na categoria de filólogos, justifica (p. 15 -16):

Não é difícil perceber que certos autores mais antigos, incluídos neste livro, viveram num período em que a exploração dos textos se fazia nos moldes da época. Tais autores eram também *filólogos*, sem o rigor que o termo *filologia* depois adquiriu. Mais tarde surgiram os autores de obras mais consistentes. As edições modelares só viriam com a moderna Crítica Textual.

.....

É evidente que os trabalhos mais perfeitos só virão com o progresso desses estudos.

.....

Como se poderia prever, evoluíram os estudos filológicos. E o conjunto de nossas edições realizadas à luz da Crítica Textual atesta o avanço da Filologia no Brasil.

Na bibliografia utilizada, mais de cinquenta obras foram consultadas e relacionadas nas últimas seis páginas do seu utilíssimo livro.

Muitos estudiosos da área poderão sentir aí a falta de outros que se projetaram em nossos meios filológicos. É provável até que venham a sugerir permuta de alguns nomes. Entretanto, não é difícil descobrir a razão que levou o autor a excluir os vivos. (4ª capa).